

História Oral e Ensino: Memórias sobre os Cursos de História da FURG

Adriana Kivanski de Senna

“...nenhum documento pode nos dizer mais do que aquilo que o autor pensava – o que ele pensava que havia acontecido, queria que os outros pensassem que ele pensava, ou mesmo apenas o que ele próprio pensava pensar. Nada disso significa alguma coisa, até que o historiador trabalhe sobre esse material e decifre-o.”

Edward Hallet Carr

O presente artigo tem por finalidade evidenciar a trajetória de criação dos cursos de História da FURG pela perspectiva de três professoras que participaram diretamente da gênese desse processo. Utilizamos-nos da História Oral para evidenciar, a partir da fala das professoras, os aspectos que marcaram e que são revividos e re-significados por cada uma delas. As lembranças escolhidas, os fragmentos de memória ativados por tais lembranças.

Podemos entender a memória como a presença do passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção. Não é somente a lembrança de um certo indivíduo, mas de um indivíduo inserido em um contexto familiar ou social, por exemplo, de tal forma que suas lembranças são permeadas por inferências coletivas, moralizantes ou não. Para Maurice Halbwachs, toda memória é coletiva, e como tal, ela constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros.

Vale dizer que, de certa forma, filtramos nossas lembranças, ativando aquilo que queremos, que nos é significativo. Talvez não possamos impedir que certas lembranças afluam, mas podemos controlar a forma como essas lembranças saíam da esfera do íntimo, do privado e ganharão vida própria no público.

Memória e imaginação têm a mesma origem: lembrar e inventar guardam certa ligação. Le Goff nos lembra que os gregos antigos fizeram

da Memória uma deusa (*Mnemosine*), mãe de nove musas inspiradoras das chamadas artes liberais, ente elas a história (*Clio*), a dança (*Terpsicore*), a astronomia (*Urânia*) e a eloquência (*Caliope*). Com base nessa construção, vemos que a história é filha da memória e irmã das musas guardiãs da poesia e dos poetas, responsáveis, no mundo antigo, por eternizar a idade das origens, resignificando-a.

Burke descreve a memória como uma reconstrução do passado, uma vez que lembrá-lo e escrever sobre ele não são atividades ingênuas e inocentes como julgávamos até bem pouco tempo atrás. Identificamo-nos com acontecimentos públicos relevantes para o nosso grupo e que por nós passam a ser incorporados e filtrados por nossas estruturas comportamentais; lembramos de uma propaganda, de uma música que, uma vez assimiladas em nossas lembranças, com elas nos identificamos, embora não tenhamos sido os construtores diretos das canções, mas por elas somos diretamente envolvidos.

Portanto, a memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências ocorridas no passado. Memórias individuais e coletivas se confundem; não somos ilhas e, portanto, estamos sujeitos a ser influenciados, bem como a influenciar, os grupos a que pertencemos e com os quais nos identificamos.

Uma possibilidade de sistematização das lembranças, como indicadores e referenciais para múltiplos estudos, são os registros da oralidade. O que conhecemos como história oral é uma prática muito antiga, intimamente ligada aos contos populares, ao universo da comunicação humana. A História surgiu contada até constituir-se na escrita do depoimento realizado, das impressões registradas, da legislação disciplinada em sólidas escritas que a legitimam. Tudo isso numa nítida vontade de perpetuar, de maneira mais segura e perene, nosso passado.

Como procedimento metodológico, a história oral busca registrar, e, portanto, perpetuar, registros, impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos.

A história oral pode ser entendida como

“...um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica,...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou

testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc..." (ALBERTI, 1989.p.52.).

Tal método teve início com o advento do gravador, ainda nos anos 50 do século passado, nos Estados Unidos e logo se difundiu pela Europa.

A escrita e as narrativas orais não são fontes excludentes entre si, mas complementam-se mutuamente. As fontes orais não são meros sustentáculos das formas escritas tradicionais, pois são diferentes em sua constituição interna e utilidade inerente.

Como cada ser histórico singulariza a sociedade na qual está inserido e a percebe de uma forma específica, falar de uma história verdadeira seria muito ingênuo, mas podemos afirmar que se trata de uma percepção verdadeira do real, emitida pelo depoente, que assim compreende e se apropria do mundo ao seu redor. Ao tornar pública sua percepção está, de alguma forma, contribuindo para a elucidação parcial de alguma situação.

Essa metodologia foi empregada para que pudéssemos conhecer aspectos dos primórdios dos cursos de História da FURG (Licenciatura e Bacharelado) a partir da perspectiva de alguns professores (e nesse caso professoras) que viveram os momentos iniciais de conformação desses cursos.

Essas pessoas não são, evidentemente, as únicas que viveram tal processo; no entanto, são aquelas que se dispuseram à entrevista, à exposição de suas memórias sobre os tempos iniciais da presença do Curso de História. Outros poderiam ser cogitados para essa recuperação do passado lembrado, mas por questões de distância física (não mais residem nas proximidades de Rio Grande), de saúde ou, infelizmente, de falecimento não foi possível contar com suas memórias. Cabe apenas registrar que foram fundamentais para o estabelecimento e edificação do conhecimento histórico na Universidade Federal do Rio Grande.

1) Os Cursos de História da FURG

O estudo da História na FURG esteve vinculado à Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande, um dos embriões dos quais se originaria a universidade. A proposta de criação desta instituição estava

profundamente concatenada com o contexto histórico da época – década de 1960 –, quando era grande a agitação política brasileira, assim como estaria vislumbrando diversos interesses da comunidade rio-grandina. Nesse sentido, a idéia desta Faculdade partira da Mitra Diocesana de Pelotas, através da Universidade Católica da mesma cidade. Para a criação do novo centro educacional foram consideradas as grandes vantagens provenientes de uma escola superior para a formação de lideranças, as condições culturais citadinas, bem como a relevância industrial e comercial da urbe, de modo que se estaria a atender aos anseios da mocidade e de intelectuais, manifestos por diversas vezes no seio da comunidade.

Ao justificar a criação de uma entidade de ensino superior no extremo sul do Brasil, os promotores da idéia chamaram atenção para a necessidade de tal centro, tendo em vista a grande demanda existente junto à comunidade local, destacando-se a urgência da fundação da faculdade, ao considerar-se o grande número de candidatos que não podiam deslocar-se para outras cidades tendo em vista obstáculos de ordem socioeconômica, além do próprio crescimento e desenvolvimento intelectual e social da cidade, intentando-se assim elevar o nível cultural da mesma. Com base nessas justificativas buscava-se colocar em funcionamento regular aquela Faculdade, primeiramente com os cursos de Filosofia e Pedagogia, embora já se apontasse o premente interesse no oferecimento de cursos de Línguas e Matemática. Tal Faculdade funcionaria no prédio da Escola Normal Santa Joana D’Arc e ficariam à disposição dos alunos os acervos da própria Escola e da “Biblioteca Pública” (a Biblioteca Rio-Grandense).

A partir do processo que levou à criação da Universidade Federal do Rio Grande, os vários segmentos das chamadas Ciências Humanas, oriundos da Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande, passariam por uma etapa de adaptação, como aconteceria com o conjunto das áreas que comporiam a universidade, no intuito de se modelarem à nova realidade.

Progressivamente, o organograma da Universidade iria se concatenar no sentido da estruturação de unidades que congregassem os cursos aproximadamente pelas especificidades das áreas do conhecimento. Nesse sentido, em 1970, formava-se uma comissão objetivando a estruturação de novos institutos como o de Ciências Humanas. A denominação “instituto”, posteriormente, seria substituída por “centro”, vindo a instituir-se, em 1973, o Centro de Ciências Humanas

e Sociais, que passaria a funcionar ao lado dos demais, ligados às áreas das biológicas e da saúde, das exatas e da tecnologia, das letras e artes e das ciências do mar. De acordo com esta forma de organização, o Centro de Ciências Humanas e Sociais passou a compreender os departamentos de Ciências Jurídicas, de Administração e Contabilidade, de Economia, de Filosofia e História e de Educação. Nessa mesma época, passariam a funcionar as Comissões de Curso, caso de uma de Estudos Sociais, de onde, já ao final da década de oitenta, se desmembraria a Comissão de Curso de História. O organograma da universidade viria ainda a passar por uma nova reestruturação, com a organização de departamentos não unificados em centros.

No caso da História, as principais alterações se deram no sentido da “fusão” ocorrida em 1978, ficando o departamento de História agregado ao de Biblioteconomia (DBH). A partir de então, por quase três décadas, o DBH congregaria os docentes e ofereceria a grande maioria das disciplinas vinculadas à ciência histórica. Mais recentemente, uma nova alteração institucional na FURG, levaria a área de História a concentrar-se no seio do Instituto de Ciências Humanas e da Informação.

O Curso de Estudos Sociais, originado ainda na Faculdade de Filosofia, continuaria existindo até a década de oitenta e dele derivaria o Curso de História. Em 1974, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão posicionava-se favoravelmente à criação do Curso de Licenciatura Plena em História. Poucos anos depois, era anunciado o reconhecimento do mesmo por parte do Conselho Federal de Educação, passando a funcionar em 1979. Ficavam então aglutinadas na mesma Comissão de Curso as licenciaturas plenas em Geografia e História e a licenciatura curta em Estudos Sociais. Esta última, acompanhando as discussões em âmbito nacional, viria a ser repensada, culminando com a deflagração de um processo de extinção da mesma. Em 1986, aprovou-se a desativação do curso de Estudos Sociais, processo que se desencadearia a partir do ano seguinte. Paralelamente à extinção do Curso de Estudos Sociais, eram empreendidos amplos trabalhos para a reformulação do Curso de História, culminando com a formação de um novo curso, surgindo, em 1989, além da Licenciatura, o Curso de História – Bacharelado.

Neste quadro, os dois Cursos de História passam a ter por metas capacitar o graduando ao exercício do trabalho de historiador, em todas as suas dimensões, pressupondo um domínio da natureza do conhecimento

histórico e da sua produção e difusão. Durante o seu tempo de funcionamento, os Cursos de História passariam por diversas transformações, as quais corresponderam à organização de diferentes quadros de seqüência lógica, ou seja, a distribuição das disciplinas e sua carga horária ao longo dos quatro anos de duração. Cada um desses quadros correspondeu às conjunturas histórico-historiográficas dos momentos em que foi aplicado, influenciando na sua estruturação desde as diferentes vertentes historiográficas durante as décadas que se seguiram, as visões a respeito do profissional que se pretendia formar, as exigências da clientela e do mercado de trabalho e até mesmo as próprias condições de infra-estrutura oferecidas ao ensino de nível superior.

Em 1989, a novidade seria a criação do Curso de Bacharelado que, ao lado da Licenciatura, visava trazer à comunidade universitária a possibilidade de duas habilitações para os interessados em cursar História.

2) Sob o olhar de três professoras

Tomando por base o roteiro semi-estruturado de questões, propusemos os seguintes questionamentos às nossas depoentes:

- a) Desde quando trabalhava no curso;
- b) Como foi o começo do curso de História na FURG;
- c) Quem foram os atores que pensaram o curso e em que momento isso aconteceu;
- d) Como ingressou na FURG e o que já conhecia;
- e) Como funcionava o curso inicialmente: horários, local em que funcionava, instalações,...
- f) Como era estrutura de laboratórios, número de professores e principais dificuldades enfrentadas;
- g) Lembranças dos fatos mais marcantes do tempo em que atuou na FURG.

As professoras entrevistadas foram Maria Regina Freitas, que atuou na FURG desde 1978 até sua aposentadoria em 1995; Carmem Helena

Mirco, que iniciou suas atividades no ano de 1968, aposentando-se em 1991 e Elza Edith Huch, que trabalhou na FURG desde os tempos do Curso de Estudos Sociais até sua aposentadoria em 1991.

Estas professoras reforçaram a origem do Curso de História ainda quando vigorava o Curso de Estudos Sociais, organizado a partir da Mitra Diocesana de Pelotas, como afirmava Carmem Helena: “Os antecedentes da História estão no Curso de Estudos Sociais, permitindo que se formasse na cidade uma clientela que exigisse da FURG a criação da História Licenciatura.” (Mirco, 2009)

As dificuldades na área das Ciências Humanas já são bastante conhecidas e apareciam no cenário idealizador dos Cursos de História: poucos professores, alta carga horária de aulas. Embora este cenário, sobrava motivação e vontade de projetar um curso de História, sendo decisivas as atuações dos professores Eurípedes Vieira, Fernando Pedone, Carmem Helena Mirco, Elza Huch, Alair Almeida, Eunice Nunes, Wander Valente, entre outros. Quanto às formas de ingresso na Instituição, as professoras responderam unanimemente que foram convidadas a lecionar na FURG.

De forma idêntica ao que hoje ainda é praticado, o curso teve como horário de funcionamento o turno da tarde, muito provavelmente em função de seu grupo de estudantes: predominantemente mulheres que dispunham de maior tempo para dedicar-se aos estudos no turno da tarde.

O Curso de Estudos Sociais funcionou, inicialmente, no Campus Cidade. Na década de 1970 foi transferido para o Campus Carreiros, local onde até hoje os cursos de História desenvolvem suas atividades. Junto com o Curso de Oceanologia fomos os pioneiros na ocupação do Campus Carreiros, como afirmou Carmem Helena:

Quando passamos para fora, em 79, e que vai iniciar o curso de História, nós já estávamos noutro ambiente, não tínhamos do que falar. Embora ainda houvesse dificuldades quanto a espaços, mas o que era fundamental funcionava. (...) Chegamos lá e não havia estrada, tudo era areia, não havia telefone e encontramos apenas os pavilhões; ficamos entusiasmados por que tudo era novo, inclusive o mobiliário. Já era a Universidade montada. O que a gente tinha dificuldade era a locomoção. (Mirco, 2009)

O Laboratório Pioneiro foi o LEPAN (na época identificado como Laboratório de Antropologia, atualmente identificado como Laboratório de Antropologia e Arqueologia, pertencente à área de Arqueologia). Logo a

seguir, veio o Centro de Documentação Histórica, posteriormente denominado “Centro de Documentação Histórica Hugo Alberto Pereira Neves”, concebido pela insistência de uma professora: Carmem Helena e coordenado, por muito tempo, pela dedicação de outra professora: Maria Luiza Queiroz. Nas palavras da professora Carmem Helena, o CDH

(...) surgiu por que eu fui a Santa Catarina a um encontro de professores de História; lá entrei em contato com o professor Valter Piazza que era o coordenador do curso de História que me levou a um setor que ele estava criando e que era pioneiro que era sob os auspícios da OEA, que era o Centro de Documentação Histórica e ele já tinha estruturado o Centro e tinha dado ao professor Umberto Correa a função de dirigir o Centro. Fiquei muito encantada vendo aquele material e ele me ofereceu um braço desse projeto na FURG. (Mirco, 2009)

As principais dificuldades enfrentadas, na implantação do Curso de História Licenciatura estiveram relacionadas às questões orçamentárias, uma vez que o próprio campus onde o curso se localizava estava em implantação bem como o reduzido número de professores, mas todas as professoras enfatizaram a motivação do grupo idealizador e dos próximos professores que foram se agregando. Nas palavras da professora Maria Regina, uma das maiores dificuldades foi

A especialização do professor. É como eu tava te dizendo, nós tínhamos que atender várias disciplinas e não conseguíamos nos especializar naquela que mais gostávamos, por causa da falta de professores. (Freitas, 2009)

Entre os pontos de lembrança, de forma livre, as professoras destacam aspectos como saudade, carinho pela universidade, motivação dos alunos e atenção e acompanhamento constante em relação ao curso. Mulheres marcantes na trajetória dos Cursos de História da FURG, significativas para a estruturação e consolidação da própria instituição. Mulheres que, pelo próprio exemplo, motivaram outras tantas ao exercício do magistério através do Ensino de História.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALBERTI, V. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

BURKE, P. "História como memória social". In: *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

DELGADO, L.A.N. *História Oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FERREIRA, M.M.; FERNANDES, T.M.; ALBERTI, V. (org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2000.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vertice, 1990.

LE GOFF, J. *História e Memória*. 2.ed.Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.

MEIHY, J.C.S.B. *Manual de História Oral*. 5.ed.São Paulo: Edições Loyola, 2005.

POLLAK, M. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, v.5, n.10, 1992.

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ENTREVISTAS

- 1) Elza Edith Huch. Entrevista realizada em 8 de setembro de 2009.
- 2) Maria Regina Freitas. Entrevista realizada em 15 de setembro de 2009.
- 3) Carmem Helena Mirco. Entrevista realizada em 24 de setembro de 2009.